

da infinita misericórdia do Mestre. Ainda hoje valorizamos tal sensibilidade literária e teológica, enriquecendo-a com o interesse de Lucas pela história.

Aproximemo-nos, portanto, do Terceiro Evangelho para conhecer melhor a obra e a figura do autor, que refletimos sob os aspectos de literato, historiador e teólogo.

### O doutor Lucas

De Lucas não conhecemos muito. Sabemos que é o único autor do Novo Testamento que não pertence ao mundo judaico, um estrangeiro, até originariamente um pagão depois convertido ao cristianismo. Os antigos latinos chamavam-no um *homo novus*, os ingleses diriam um outsider, isto é, um estrangeiro que de repente aparece em cena e faz notícia. A sua procedência não judaica nota-se pelo pouco conhecimento da geografia palestinese, quando chama a pequena aldeia de Nazaré de “cidade” (1,26), do seu escasso conhecimento dos usos judaicos (5,19: fala de telhas do telhado, segundo o uso grego, mas não judaico, cf. Mc 2,4). Omite ou explica nomes e costumes tipicamente judaicos: evita referir frases aramaicas como o *rabunni* de Mc 10,51 ou *talitã kum* de Mc 5,41: suprimiu — porque menos interessante a seus leitores — o que concernia às leis ou às práticas judaicas referidas em Mt 5,17—6,18.

Provavelmente sua terra é Antioquia, cidade cheia de vida, que verá a iniciativa generosa e empreendedora de alguns missionários cristãos (cf. At 11,19-26). Desta pregação virão muitos frutos, um dos quais pode ser muito provavelmente a conversão de Lucas. Com certeza podemos dizer que é de língua e de cultura grega. Provam-no o refinamento da língua e algumas citações. Lucas possui o grego mais elegante do Novo Testamento, como testemunham o prólogo de seu Evangelho (1,1-4), e a variedade de uns 2.055 vocábulos contra 1.011 do Evange-

lho de João. O vocabulário próprio de Lucas contém 203 termos que não aparecem nos outros evangelistas. Além disso ele é preciso em terminologia, muito mais do que Mateus e Marcos: Herodes Antipas é chamado “rei” em Mc 6,14, mas com mais precisão “tetrarca” em Lc 9,7; o “Mar da Galiléia” de Mc 1,16 torna-se o “lago” em Lc 5,1, porque efetivamente é tal. Além de mais preciso, é também o mais rico de notícias, porque cerca da metade de seu material não tem correspondente nem em Marcos nem em Mateus.

Por isso chamamos Lucas um literato, um *doctus*, da qual deriva a palavra “doutor”, isto é, aquele que é douto, que estudou, que é instruído e que instrui os outros. A isso se acrescenta que Lucas é doutor também no sentido de médico. A sua profissão é lembrada na Carta aos Colossenses: “Saúdam-vos Lucas, o caríssimo médico, e Demas” (Cl 4,14). Alguns querem ver uma prova de sua profissão na exatidão da terminologia (cf. 4,38: “forte febre”; em 22,44: “o seu suor tornou-se como gotas de sangue que caíam na terra”; o pormenor é referido somente por Lucas) ou no empenho em salvaguardar a categoria médica (cf. 8,43 em relação a Mc 5,25-26). Em suma, Lucas é doutor por título duplo, porque médico e porque douto. Por origem e cultura grega, empenha-se a apresentar uma mensagem que, fiel na substância, possa facilmente ser aceita por todos. Também por isso, até propriamente por isto, Lucas é doutor, capaz de ensinar, de fazer-se entender, de ajuntar o anúncio cristão íntegro e genuíno e, ao mesmo tempo, acessível e compreensível.

Basta para provar isso um último e luminoso exemplo. O doutor Lucas ajuda os seus cristãos a entender bem a mensagem do Evangelho, mesmo se isso comporta uma mudança material da palavra. Fidelidade ao Evangelho e fidelidade aos destinatários do Evangelho é a regra de ouro seguida por Lucas. Provamos isso com a passagem de Lucas 23,46. Segundo Mc 15,34, Jesus ao morrer na cruz recita o começo do Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, como con-

firma Mateus 27,46. Lucas, ao invés, refere: “Jesus gritando em voz alta, disse: Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46): segundo ele, Jesus citara o Salmo 31,6. Parece haver contradição entre os dois evangelistas e portanto se coloca o interrogativo: qual foi o Salmo verdadeiramente citado por Jesus na cruz? Qual dos evangelistas refere com fidelidade as palavras de Jesus? A resposta exige um sábio “distingo”. Se queremos ater-nos à historicidade das palavras, devemos dar crédito a Mateus e a Marcos, seguramente mais “literais”. Lucas realizou uma troca, modificando o teor das palavras para não trair a compreensão de seus ouvintes que, não conhecendo o final positivo do Salmo 22, poderiam ser induzidos a pensar num desespero de Jesus. Lucas, ao invés, afasta-se da “literalidade” das palavras para conservar o seu verdadeiro sentido: as palavras de Jesus são certamente expressão de grande angústia, sem por isso fugir da grande confiança no Pai que sempre o acompanhou. Precisamente essa total confiança devia ser ressaltada. Os judeus que conheciam a conclusão do Salmo 22 compreenderam. Lucas o explicita a seus principais leitores, provenientes do paganismo, e cita o Salmo 31. Torna-se claro assim que Jesus na cruz conserva uma grande confiança no Pai, embora vivendo um momento dramático. Lucas educa, portanto, ao conservar o verdadeiro espírito do Evangelho, fugindo de uma dependência que escraviza. Ele ensina verdadeiramente a dupla fidelidade: a Cristo e ao homem, isto é, ao ponto de partida e ao ponto de chegada. Os anunciadores do Evangelho todos tiram daí ensinamento!

### **O historiador Lucas**

A formação grega de Lucas se reconhece também no seu interesse pela história. Somente ele faz referências à história profana e à cronologia, como se evidencia facilmente nas seguintes

citações: “No templo de Herodes, rei da Judéia” (1,5); “Naqueles dias um decreto de César Augusto ordenou que se fizesse o recenseamento de toda a terra. Este primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria” (2,1-2); “No décimo quinto ano do império de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judéia, Herodes, tetrarca da Galiléia, e Filipe, seu irmão, tetrarca da Ituréia e da Traconítide, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sob os sumos sacerdotes Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto” (3,1-2).

Seria todavia falso pensar que Lucas tinha um puro interesse histórico, uma espécie de tributo a pagar à informação. Lucas interessa-se pela história porque na história se realiza o plano de Deus. A fim de entendermos melhor tal plano, como se realizou em Cristo, ele oferece-nos sua metodologia. Lucas, o único entre os escritores do Novo Testamento, inicia sua obra com uma introdução na qual expõe as fontes hauridas, o escopo e o método de sua pesquisa. Está convicto de oferecer um trabalho documentado, exato e ordenado, como de recordar que a catequese deve apresentar-se sólida, bem fundamentada e bem formulada (1,1-4).

A análise dessa introdução permite descobrir as etapas de formação do escrito evangélico. Também nisso Lucas revela sua sensibilidade histórica e sua formação helenística. O trecho é importante porque estabelece o processo formativo dos evangelhos que seguem em volta deste *iter*.

— No início estão “os acontecimentos” (grego: *tà prágmata*, os fatos, as coisas concretas) que podemos identificar com o evento Cristo: aquilo que lhe é dito e feito. A sua pessoa, por isso, está na base de qualquer discurso evangélico e dele constitui o conteúdo. É ele o ponto de partida de qualquer catequese, é ele que deve ser anunciado e conhecido porque “em nenhum outro há a salvação” (At 4,12).

— Tal acontecimento primordial foi percebido pelas tes-

temunhas, pelas pessoas que o mesmo Jesus escolheu para que participassem de sua experiência e pudessem um dia contá-la aos outros. De fato esses falaram e deram vida à *catequese oral* tornando-se “ministros (grego: *hipêrétai*, servidores) da Palavra”. Disso extraem-se duas interessantes e irrenunciáveis qualidades exigidas para os primeiros missionários (apóstolos): ter participado na primeira pessoa dos acontecimentos e referi-los aos outros. A mensagem cristã tem, portanto, uma sólida e inegável base histórica que o grego Lucas não deixa de sublinhar.

— Com o surgimento de novas necessidades, como por exemplo a possibilidade de reunir um número mais elevado de pessoas, sente-se a necessidade de fixar por escrito uma parte da catequese. Nasce a *catequese escrita*. É o terceiro momento que traça uma verdadeira reviravolta na transmissão da experiência cristã, porque nasce o texto com dignidade literária. Lucas faz referência a “muitos” que escreveram antes dele, embora hoje somente estamos em condições de identificar o evangelista Marcos, universalmente conhecido como o primeiro a escrever o Evangelho. Seu escrito, segundo a teoria mais acreditada, será utilizado por Lucas como também por Mateus. Depois nos “muitos” se esconderiam tantas pessoas — para nós sem nome e sem rosto — que poderiam ter preparado algumas coleções parciais, por exemplo, coleções de milagres ou de parábolas. Mas deixamos o terreno seguro dos dados e nos adentramos naquele inseguro das hipóteses e das conjecturas. Portanto não vamos prosseguir.

— E agora com Lucas em sua obra: ele consulta os trabalhos precedentes e realiza “pesquisas acuradas” a fim de preparar um “noticiário ordenado”. Lucas atesta assim a conscienciosidade usada no redigir o seu Evangelho. Não há certamente intenção de confiar no “por ouvir dizer” e muito menos de contar historietas amenas. Diante de tão clara manifestação de profissionalismo, deverão refletir todos os que se-

rão tentados a lançar uma sombra de descrédito sobre o valor histórico de seu escrito.

Acrescentamos logo que a profissão de atendimento histórico é colocada a serviço de sua vocação de teólogo. Lucas não faz uma narrativa fria e asséptica, como o de um cronista totalmente estranho à sua narração. É homem de fé que quer ajudar Teófilo (provavelmente um personagem histórico e não, como alguém assegura, nome fictício e simbólico, “amigo de Deus”, válido para cada leitor) e os cristãos de todos os tempos a chegar genuinamente às fontes de sua fé. Em suma, Lucas quer ajudar a conhecer bem Jesus, para que a fé do que crê repouse em sólidas bases.

Com essas observações já atravessamos o Rubicão teológico. Antes de insistir um pouco sobre a sensibilidade espiritual de Lucas, acenemos para duas questões gerais: a cronologia e o esquema.

Os estudiosos fixam indicativamente para os anos 80/90 (alguns preferem 70/80) a data de composição do Evangelho assim como o possuímos hoje, porque devemos supor já composto e em circulação o Evangelho de Marcos e porque podemos ler Lc 21,20.24 com referência à queda de Jerusalém, acontecida no ano 70.

Quanto ao que concerne a um itinerário de desenvolvimento, notamos que Lucas se ateu à estrutura ideada por Marcos, que retomou com substanciosos acréscimos, mas não com substanciosas modificações. O mesmo fará Mateus, por isso será possível ler os três evangelhos de modo comparativo (sinopse). Lucas, retomando o esquema cronológico-geográfico ideado por Marcos, oferece o seguinte prospecto:

- Evangelho da infância: 1,1–2,52 (totalmente ausente em Marcos).
- Ministério na Galiléia: 3,1–9,50.
- Grande viagem a Jerusalém: 9,51–19,27.

— Ministério em Jerusalém, paixão, morte, ressurreição e ascensão: 19,28–24,53.

Muito mais do que Marcos, Lucas reserva um grande relevo a Jerusalém, de que ele faz uma sigla teológica que abre e fecha o Evangelho: a primeira cena é ambientada no templo onde o sacerdote Zacarias está cumprindo um ato de culto (cf. 1,8-9); a última cena apresenta os apóstolos que retornam a Jerusalém para pregar no templo (cf. 24,52-53), agora homens que experimentaram a novidade da ressurreição de Jesus. Os templos estão quase maduros para o grande salto de Jerusalém para o mundo inteiro. Disso tratará a segunda obra de Lucas, os Atos dos Apóstolos, para serem lidos como continuidade com o seu Evangelho.

### **O teólogo Lucas**

O campo teológico é o mais frutuoso para se descobrir e analisar a sensibilidade de cada um dos evangelistas. Lucas denota aqui uma acentuada originalidade no apresentar a pessoa e a obra de Jesus. De aspecto mais exatamente cristológico, o interesse refrange-se no eclesiológico, no antropológico, no escatológico, investindo em todos os âmbitos. Dada a amplitude e dada a complexidade, seria simplismo e intrinsecamente falso reduzir tudo em poucos instantes. Conscientes de que toda tentativa de definir a pessoa e a atividade de Jesus com um atributo qualquer arrisca falsificar ou pelo menos enfraquecer a verdade evangélica, por necessidade de esquematização corremos este risco e propomos o pensamento teológico de Lucas sobre Jesus em torno de dois temas: um que diz respeito a um aspecto de sua identidade e o outro que interessa à sua missão. Queremos falar sobre ele como o Consagrado de Deus e também sobre sua obra de salvação.

## **Jesus, o Consagrado de Deus**

Lucas deixou amplo espaço à parte que se refere à infância (cf. cap. 1–2) e a preparação para o ministério público (cf. 3,1–4, 13). No início do ministério público, prepara o leitor para encontrar Jesus através de um ato oficial.

Paremos no trecho de 4,14-21 para aprender a conhecer melhor quem é Jesus, para lá dos simples dados fenomenológicos. Ele declara-se o profeta escatológico, aquele que realiza o hoje de Deus. Quanto é importante para Lucas tal episódio, entende-se pelo fato de que é colocado como discurso inaugural da atividade pública, como catequese de grande densidade teológica que fornece ao leitor uma chave de interpretação. Se a objeção é que a identidade de Jesus não é desconhecida para quem seguiu o relato evangélico até este ponto, responde-se que agora é Jesus mesmo, com a sua palavra, a documentar a própria identidade.

Lucas constrói o trecho com habilidade literária e com fineza espiritual: depois de uma declaração teológica (vv. 14-15), coloca uma moldura que dê o ambiente e que precise as circunstâncias (vv. 16-17). Em seguida passa às citações proféticas (vv. 18-19) que depois Jesus aplica a si mesmo (vv. 20-21). Decisivamente capital a parte final que, para ser bem compreendida, necessita de todo o trecho com um olhar prévio ao contexto que precede.

Mensagens de qualidade já haviam sido lançadas; entre essas recordamos: a cena do batismo com o atestado do Pai, a genealogia que salienta a origem de Jesus em Deus mesmo, a vitória sobre o demônio com a implícita conclusão de sua superioridade e a relativa consequência com que ele inicia uma humanidade nova. Sinais claros, portanto, dos quais resulta a excepcionalidade de sua pessoa, bem acima da normalidade. Porém jamais, até o presente momento, tínhamos sentido dos lábios mesmo de Jesus palavras tão inequívocas sobre sua identidade. O texto serve a isso.



Um movimento de calorosa simpatia acompanha Jesus que entra de novo em sua terra (cf. v. 15). Em dia de sábado, fiel ao preceito (“segundo o seu costume”), recebe do chefe da sinagoga o rolo para ler e comentar a lei. Este gesto já é um sinal de deferente estima: o responsável pela sinagoga tinha a incumbência da leitura e da explicação do texto sagrado. Toda vez que no meio da assembléia estivesse presente uma pessoa digna, esta era convidada a tomar a palavra. Devemos supor que “Ihe foi dado o rolo do profeta Isaías” porque Jesus foi considerado digno de ler e comentar a Escritura. A liturgia da sinagoga repartia os textos bíblicos segundo critérios que nos fogem. Certamente a passagem do profeta que “caiu” naquele sábado é de se atribuir a uma providencial combinação que oferece a Jesus a ocasião de apresentar-se e, mais ainda, de identificar-se com o conteúdo do texto.

“O Espírito do Senhor está sobre mim” sinaliza uma passagem do espírito de profecia que animava ocasionalmente tantos personagens bíblicos à condição de estabilidade que encontramos na pessoa de Jesus. O Espírito é ligado à profecia e guia a vida de tantas pessoas, como atesta o próprio Lucas (8 vezes nos capítulos 1–2) com uma galeria de personagens que acompanham os acontecimentos da vida de Jesus: João, Isabel, Zacarias, Simeão. O relacionamento do Espírito com Jesus está fora de possíveis esquemas porque a presença, mais que funcional, é vital: não só o Espírito é atuante na concepção de Jesus (cf. 1,35), mas também desce sobre ele no momento do batismo (cf. 3,22), possui-o totalmente (“Jesus cheio do Espírito Santo” 4,1). O nosso trecho inicia com a observação de que Jesus retorna à Galiléia “com a força do Espírito Santo” (v. 14). Tudo isso prepara a reta compreensão do início da citação bíblica em Is 61,1-2.

“O Espírito do Senhor está sobre mim...”: com estas solenes palavras de abertura Jesus exprime a consciência clara de possuir o Espírito de forma estável, permanente, completa. Será

justamente a convicção da comunidade cristã das origens, formulada por Pedro: “Deus consagrou (literalmente ‘ungiu’) no Espírito Santo e no poder Jesus de Nazaré” (At 10,38). A unção ou consagração é funcional à missão. Esta consiste antes de tudo no “evangelizar os pobres”, portanto, no “proclamar aos presos a libertação e aos cegos a vista”; em suma, no levar aquela palavra nova que golpeará a multidão (cf. 4,32). Ainda mais surpreendente será tal palavra porque surgida de uma série de ações, sintetizadas no “pôr em liberdade os presos”. Poderia parecer uma obra de libertação material, se o contexto não orientasse decisivamente para uma obra mais profunda que alcança o interior do homem: “liberdade” e “libertação” são vertidos em grego como *áphesis* que Lucas já usou duas vezes (1,77; 3,3) e sempre em conexão com o pecado. De resto não parece atribuível ao caso que Lucas, como Marcos, coloque como primeiro milagre a libertação de um endemoniado, justamente para indicar que a obra de Jesus consiste primariamente em vencer o inimigo mortal do homem, Satanás. Só assim, depois de uma autêntica libertação, pode ser promulgado um verdadeiro jubileu, um “ano de graça do Senhor”. Neste ponto a citação profética é interrompida no bátrio da “vingança” dos inimigos. Também isto é uma mensagem anunciadora de tempos novos, aqueles nos quais a graça é dirigida a todos, eliminando a fácil e finalmente obsoleta categoria de “inimigos”. Já florescem os sinais da “Boa-Nova”, da “nova evangelização” que Jesus inaugura em Nazaré.

Com um pouco de *suspense* o leitor, como as pessoas presentes na sinagoga, espera um comentário. Fora do circuito do imaginável, Jesus aplica a si aquela profecia, apresentando-se como o profeta escatológico, o verdadeiro consagrado de Javé, o Messias esperado: “Hoje se cumpriu esta escritura que ouvistes”. O verbo usado é aquele do cumprimento e da volta decisiva que encerra o tempo da espera e da preparação para abrir o tempo do cumprimento e da plenitude (cf. Mt 5,17). A palavra eterna de

Deus, anunciada e prometida no profeta Isaías, realiza-se plenamente na pessoa de Jesus de Nazaré, Palavra viva. Ele é Messias anunciado e esperado. Muito mais, foram colocados sinais claros (por exemplo: a plenitude do Espírito) para orientar-se para a plena identidade, aquela que, ultrapassando a soleira da humanidade, se fixa no mistério da divindade.

### **Jesus é a salvação dos homens**

Quando se fala de salvação se pretende fazer referência a uma experiência comum e universal que significa libertação de um perigo mais ou menos grave. Partindo desse dado experiencial, a revelação veterotestamentária fez da salvação uma das qualificações mais representativas de Deus: da tão celebrada intervenção libertadora do Egito em favor de um grupo de hebreus ao mais recôndito e estritamente individual senso de alívio trazido ao orante dos salmos, Israel sabe e professa que “fora de Deus não há salvação” (cf. Is 43,11) e ama chamar Deus de “salvador” (Is 63,8).

Lucas não desconhece esse atributo divino (Lc 1,47), mas sabe exatamente que em certo momento a salvação assumiu uma concretude histórica no menino anunciado pelos anjos aos pastores: “Hoje nasceu para vós na cidade de Davi um *Salvador*, que é o Cristo Senhor” (2,11). Trata-se agora de distribuir esta salvação nas suas diversas manifestações e de inseri-la na tridimensionalidade do tempo: até João Batista se deu a preparação (16,16), com a vinda de Jesus se tem a atualização, que é o hoje da salvação (2,11) que se perpetua no tempo através da obra da Igreja (At 4,12). Por ter ligado acontecimentos, pessoas e tempos em um sistema harmonioso e dinâmico, Lucas mereceu o título de “teólogo da história da salvação” (E. Lohse). Certamente, todos os evangelistas falam da salvação, sendo um tema central. Todavia Lucas o faz a seu modo, com traços parti-

culares. Consideremos um em particular: Jesus salvador universal.

A procedência de Lucas vindo do mundo grego, uma particular sensibilidade tornada talvez mais forte por causa de uma boa preparação cultural e a utilização de fontes próprias são todos fatores que permitiram a Lucas exprimir com traços fortes o universalismo da salvação. Jesus supera uma emaranhada rede de barreira sociais, morais, étnicas e religiosas para se apresentar salvador de todos, sobretudo de três categorias que viviam naquele tempo — e em parte ainda hoje — o drama da marginalização: os pecadores, os estrangeiros e as mulheres.

### *Jesus e os pecadores*

O Jesus de Lucas se autodefine como aquele que “veio para procurar e salvar o que estava perdido” (19,10). Para poder salvar é preciso primeiramente procurar, isto é, favorecer encontros, criar situações e disposições que façam emergir o senso do pecado, romper relações negativas e iniciar um novo tipo de existência. Para isso serve o anúncio da Boa-Nova, o Evangelho. O fato novo que se encontra em Jesus é aquele dirigir-se a todos indistintamente, também àqueles grupos cuja conversão era considerada particularmente difícil, praticamente impossível.

Lucas também nos apresenta casos típicos. Recordemos o encontro com a prostituta sem nome do capítulo 7 e aquele com Zaqueu. O texto grego associa-os, definindo-os como “os pecadores”, um nome que “tinha no ambiente de Jesus um significado bem preciso. Não indicava somente aqueles que transgrediam abertamente os mandamentos de Deus e que por isso eram apontados por todos, mas também todos quantos exerciam uma profissão tida como desprezível” (J. Jeremias). Representantes de atividades infamantes, uma prostituta e o outro chefe dos

odiados exatores precisamente são os destinatários da palavra de salvação.

O pensamento de Jesus sobre os pecadores foi nitidamente fixado na parábola do fariseu e do publicano no templo: quem parte em desvantagem mas encontra reparação na misericórdia de Deus e na humilde confissão da própria culpa; assim a desvantagem é eliminada, deixando o posto a um manifesto juízo de Jesus que representa a atitude de Deus para com os pecadores arrependidos.

### *Jesus e os estrangeiros*

Lucas é o único escritor “estrangeiro” do Novo Testamento, porque, segundo a tradição, seria um convertido de Antioquia. Isto explica o seu particular interesse pelos estrangeiros, representados sobretudo pelo grupo dos samaritanos. Já lembramos sua origem histórica e sua situação como população étnica e religiosamente híbrida. Daí a “impureza” e o isolamento.

Lucas não apresenta sempre os samaritanos em edição de luxo, porque recorda a recusa deles ao encontro com Jesus e à sua mensagem (cf. 9,51-56). Todavia refere dois trechos com exclusividade que mostram em luz positiva os samaritanos. O primeiro é a célebre parábola do Bom Samaritano (10,29-37), um título que, assim como soa, seria aos ouvidos de um judeu da época de Jesus uma *contradictio in terminis* porque para um judeu um samaritano não podia ser bom. Jesus, ao contrário, apresenta-o tão bom que o indica como exemplo aos doutores da lei: “Vai e faze tu o mesmo” (10,37). A figura desses odiados estrangeiros é reabilitada, reconhece-se sua igual dignidade, deveras subam às cátedras e tornem-se “professores” de todos. O outro trecho que ilumina o valor dos samaritanos é o milagre dos dez leprosos (17,11-19). Um particular recorda ao leitor que um só dos miraculados volta para agradecer a Jesus e “era um

samaritano” (17,16). A ele e somente a ele Jesus oferece alguma coisa mais do que a cura física, quando lhe assegura: “Levanta-te e vai: a tua fé te salvou” (17,19).

Com Jesus não há mais estrangeiros na comunidade eclesial e a única estrangeirice conhecida é a da ovelha perdida, uma estrangeirice voluntária e culpável.

### *Jesus e as mulheres*

No tempo de Jesus a mulher vivia uma existência quase marginal do ponto de vista social e religioso: não recebia instrução a respeito da lei e não tomava parte ativa na vida pública. Realizava-se unicamente no âmbito familiar e sobretudo na maternidade.

No Terceiro Evangelho a mulher conhece uma substancial promoção: já o temos ilustrado um pouco na primeira parte deste trabalho. Bem entendido, não se trata de um “manifesto” de um presumido movimento feminista ao pé da letra que luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher. Se Lucas fala mais sobre as mulheres e aponta-lhes um papel significativo, pretende com isso demonstrar que o amor de Deus em Cristo é dirigido a todos indistintamente, ao homem e à mulher, abolindo antigos privilégios e superando injustas diferenças. No fim das primeiras colocações foi apresentada uma mulher, Isabel, que é reconhecida justa e irrepreensível tanto como seu marido. Particularmente focalizada é a figura de Maria, tanto que Lucas, recordemo-lo ainda uma vez, foi definido “o pintor da Virgem”.

Mais vezes a mulher é beneficiária da obra misericordiosa de Jesus, seja através de uma ação milagrosa (cf. cura da mulher encurvada, 13,10-13), seja mediante uma palavra consoladora (cf. as mulheres de Jerusalém, 23,27-31), seja ainda e sobretudo com o perdão dos pecados (cf. a pecadora, 7,36-50). Em outras vezes a mulher é escolhida para ser assunto de pará-

bola como aquela que perdeu a moeda (15,8-10) ou aquela outra que insiste com um juiz até obter justiça (18,1-8). À categoria ainda mais marginalizada das viúvas Jesus reserva um tratamento favorável quando, por exemplo, intervém sem ser solicitado, restituindo vivo o filho da viúva de Naim (7,11-17).

Também para a mulher Jesus se apresenta como salvador, porque lhe restitui um papel ativo na escuta da Palavra que salva e no aproximar-se diretamente para encontrar-se com ele, sem precisar mais da mediação masculina.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Damos uma série de títulos — entre os muitos disponíveis em italiano — para continuar a aprofundar o conhecimento do Evangelho de Lucas. O eventual e desprovido leitor poderia ficar desorientado no cipoal de uma lista. Para vir a seu encontro, oferecemos duas pequenas indicações: a primeira é o número das páginas que dá uma idéia sumária do volume, a segunda é uma genérica avaliação do grau das dificuldades que repartimos em três classes: fácil (\*), média (\*\*), difícil (\*\*\*).

COUSIN H., *Vangelo di Luca. Commento pastorale*, “Fame e sete della Parola, 18”, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 1995, p. 420 (or. francês).\*

ERNST J., *Il Vangelo secondo Luca*, I-II, Morcelliana, Brescia 1985, p. 1000 (or. alemão).\*\*\*

FAUSTI S., *Una comunità legge il Vangelo di Luca*, “Lettura pastorale della Bibbia, 18”, EDB, Bologna 1994, p. 814.\*\*

GALIZZI M., *Vangelo secondo Luca. Commento esegetico-spirituale*, “Commenti al Nuovo Testamento, Nuova serie, 3”, LDC, Leumann (TO) 1994, p. 518.\*



- GHIDELLI C., *Luca*, “Nuovissima Versione, 35”, Paoline, Roma 1992<sup>6</sup>, p. 488.\*\*
- KODELL J., *Vangelo secondo Luca*, “La Bibbia per tutti, 22”, Queriniana, Brescia 1991, p. 168 (or. inglês).\*
- MEYNET R., *Il Vangelo secondo Luca. Analisi retorica*, Dehoniane, Roma 1994, p. 756 (or. francês).\*\*\*
- ORTENSIO DA SPINETOLI, *Luca*, Cittadella, Assisi 1994<sup>3</sup>, p. 766.\*\*
- RADERMAKERS J. - BOSSUYT PH., *Lettura pastorale del Vangelo di Luca*, “Lettura pastorale della Bibbia, 36”, EDB, Bologna 1994 (=1983), p. 496 (or. francês).\*\*
- RENGSTORF K. H., *Il Vangelo secondo Luca*, “Nuovo Testamento, 3”, Paideia, Brescia 1980, p. 504 (or. alemão).\*\*
- ROSSÉ G., *Il Vangelo di Luca. Commento esegetico e teologico*, Città Nuova, Roma 1992, p. 1060.\*\*\*
- ROUILLER G. - VARONE C., *Il Vangelo secondo Luca. Testi e teologia*, Cittadella, Assisi 1993<sup>4</sup>, p. 464 (or. francês).\*\*
- SABOURIN L., *Il Vangelo di Luca. Introduzione e commento*, Gregoriana-Piemme, Roma-Casale Monferrato (AL) 1989, p. 390 (or. francês).\*\*
- SCHMID J., *L'evangelo secondo Luca*, “Il NT commentato, 3”, Morcelliana, Brescia 1965, p. 472 (or. alemão).\*\*
- SCHÜRMANN H., *Il Vangelo di Luca*, I, “Commentario Teologico NT, III. 1”, Paideia, Brescia 1983, p. 928 (or. alemão).\*\*\*
- STÖGER A., *Vangelo secondo Luca*, I-II, Città Nuova, Roma 1993<sup>5</sup>-1994<sup>4</sup>, p. 352-350 (or. alemão).\*\*

## ÍNDICE

<b>Prefácio</b> .....	5
A pedagogia do livro segundo	
o esquema da <i>lectio divina</i> .....	6
Utilização .....	9
<b>Introdução</b> .....	11
Textos bíblicos .....	13
Textos judaicos .....	13
<b>I. A anunciação a Maria do nascimento de Jesus</b> .....	17
O texto .....	18
Contexto e dinâmica do trecho .....	18
Breve comentário .....	20
Maria, ícone do amor de Deus .....	20
Engajada no jogo da vida .....	23
Maria e o mistério trinitário .....	26
O sinal da vida .....	28
O sim à vida .....	29
Maria, mãe e modelo dos que crêem .....	31
Do texto à vida .....	32
<b>II. O encontro de duas mães</b> .....	35
O texto .....	36
Contexto e dinâmica do trecho .....	36
Breve comentário .....	37
Maria e Isabel .....	38
A oração de Maria .....	41
Do texto à vida .....	43

<b>III. As lágrimas de uma mãe .....</b>	<b>45</b>
O texto .....	45
Contexto e dinâmica do trecho .....	46
Breve comentário .....	47
Do texto à vida .....	49
<b>IV. Promoção à igualdade .....</b>	<b>51</b>
O texto .....	51
Contexto e dinâmica do trecho .....	52
Breve comentário .....	52
Do texto à vida .....	56
<b>V. A verdadeira beatitude .....</b>	<b>57</b>
O texto .....	58
Breve comentário .....	58
A novidade .....	60
Do texto à vida .....	61
<b>VI. A mãe orientada para o mistério .....</b>	<b>63</b>
O texto .....	64
Contexto e dinâmica do trecho .....	65
Breve comentário .....	66
O nascimento de Jesus (vv. 1-7) .....	66
A apresentação de Jesus no templo (vv. 22-40) .....	68
<i>Os fatos</i> .....	69
<i>O significado dos fatos</i> .....	70
Encontro de Jesus no templo (vv. 41-52) .....	72
Uma mãe orientada para o mistério .....	74
Do texto à vida .....	75

<b>VII. Uma mulher que ama .....</b>	<b>77</b>
O texto .....	78
Contexto e dinâmica do trecho .....	79
O problema da identificação .....	81
Breve comentário .....	82
Uma parábola contraditória? .....	84
Jesus e a mulher .....	86
Por uma sociedade melhor... ..	87
Do texto à vida .....	88
 <b>O sucesso de um “outsider”: Lucas .....</b>	 <b>91</b>
O doutor Lucas .....	92
O historiador Lucas .....	94
O teólogo Lucas .....	98
Jesus, o Consagrado de Deus .....	99
Jesus é a salvação dos homens .....	102
<i>Jesus e os pecadores</i> .....	103
<i>Jesus e os estrangeiros</i> .....	104
<i>Jesus e as mulheres</i> .....	105
 <b>Notas bibliográficas .....</b>	 <b>107</b>